

Nas ondas do rádio, a divulgação de Brasília

Arquivo Público



NA CHEGADA, O MOTORISTA DA RÁDIO ESTAVA ESPERANDO OS RADIALISTAS EM UM CAMINHÃO DA EMISSORA

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Os rumores sobre a mudança da capital atemorizavam grande parte dos funcionários públicos do Rio de Janeiro. A transferência, a princípio, foi um pesadelo e já era quase certa quando, nos corredores da Rádio Nacional, localizada na Praça Mauá, nº 7, correu uma lista para buscar a assinatura daqueles que simpatisassem com a idéia.

O sonho de Juscelino Kubitschek de abrir uma rádio na nova capital começou a tomar forma com a assinatura de 24 radialistas simpatizantes entre músicos, sonoplastas, locutores, redatores e produtores, incentivados pelos altos salários oferecidos — além do salário do Rio, eles ganhariam mais 50% do valor.

Encabeçados pelo mais famoso radialista — o redator e produtor Celson Carlos —, Leony Mesquita, Duilio de Almeida, Rui Carneiro, Sérgio Dias, Jair Cançado, Waldir da Silva, Hoover Pereira, Armando Affonso, Alípio Monteiro, Pedro Costa, Altamiro e Antônio Santoro também resolveram apostar na sorte no cerrado. “Além da promessa de ganhar bem, aceitei a transferência mais para colaborar com Juscelino”, garante o pioneiro Celson Carlos Batista de Oliveira. “JK era muito combatido nessa época e ninguém queria vir para Brasília”, acrescenta.

O interesse do presidente em

divulgar o que estava sendo feito na futura capital o fez planejar tudo nos mínimos detalhes. “Até a orquestra para os programas musicais foi trazida do Rio”, lembra o mineiro, que faz questão de citar um por um os componentes da banda. “Vieram Isaac Kolman, José Malta, Abdala Chalub, Isahy Martins, João Vieira, Pedroca, Xandoca, Bernarel e Wanderley Mattos.”

Outros dois funcionários da rádio já se encontravam aqui, o motorista, Napoleão Viegas, e o técnico, George Polidoro, que veio antes para instalar os transmissores.

Logo após o desembarque dos radialistas, em 1958, uma surpresa. O motorista e colega

do Rio já estava a postos no pequeno aeroporto de madeira em uma camionete identificada rapidamente pelas letras brancas garrafais: Rádio Nacional - Brasília. O grupo se acomodou na carroceria — fechada e com uma pequena abertura — e seguiu em direção ao Paraíso Hotel, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). O hotel foi todo organizado para a chegada dos novos hóspedes, que acabaram ocupando todo o prédio.

A inauguração

O dia 1º de março de 1958 ficou na história de Brasília, quando no pequeno hotel de madeira, na Cidade Livre, passou a funcionar, em caráter experimen-

tal, a Rádio Nacional, que irradiava mensagens de prosperidade e esperança a milhões de brasileiros sobre a construção da nova capital.

Com esforço e muito trabalho, a rádio cresceu, e o número de funcionários dobrou. A inauguração aconteceu pouco depois, em 31 de maio do mesmo ano. O sonho de Juscelino foi realizado em grande estilo numa comemoração que contou com a presença de estrelas da música como Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Ivon Cury e Ângela Maria.

O radialista, com a experiência de anos no jornalismo do Rio de Janeiro — além da Rádio Nacional ele também atuou na

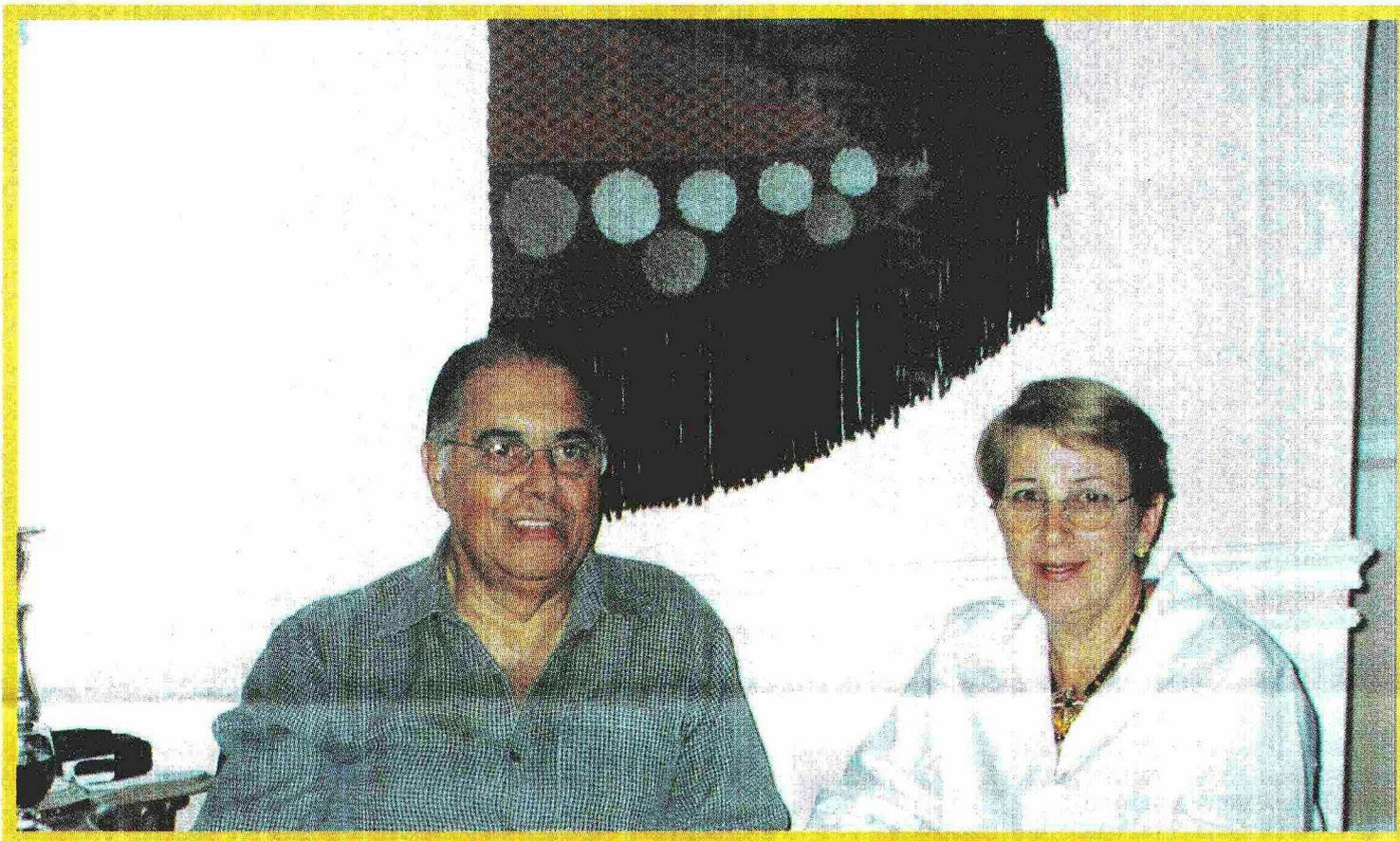
Manchete Esportiva, na revista *Fatos e Fotos* e no *Jornal dos Esportes* —, mais uma vez mostrou competência e intimidade com os microfones. A voz do locutor chegava aos mais longínquos rincões, por meio de ondas médias e curtas. A Rádio Nacional era ouvida em todo o país e até no exterior.

Por meio de pequenos rádios de pilha, os candangos ficavam por dentro de tudo o que acontecia ao redor e se distraíam com os programas musicais da época. A Rádio também transmitia as ações do governo e informava o andamento das obras, como forma de convocar trabalhadores para a região. “Vocês precisam conhecer Brasília e tudo o que está sendo feito aqui”, anunciava Celson, que acumulava os cargos de chefe de redação e diretor comercial. “A rádio serviu como uma distração para os moradores, apesar de funcionar apenas até as dez da noite por causa da energia, que vinha dos geradores”, garante o fundador da Associação da Imprensa de Brasília.

Além de diretor, Celson produziu programas de grande sucesso como o *Musical Romântico Valery*, com Lúcio Alves e Neusa Maria, e *Mago do Violão*, com o músico Dilermando

O incentivo no salário foi apenas um detalhe na transferência do radialista da Rádio Nacional do Rio para Brasília. O que o pioneiro queria mesmo era ajudar JK no seu sonho

CELSON E CECÍLIA MORAM E SE EMOCIONAM COM BRASÍLIA ATÉ HOJE



Reis. A orquestra também foi sucesso na cidade, ela saiu dos estúdios da rádio e ganhou os salões do Palácio do Planalto e do Brasília Palace Hotel a pedido de Juscelino, que sempre ligava para a rádio.

Novos desafios

Com a entrega das chaves da Fundação da Casa Popular, na W3 Sul, os funcionários puderam sair do hotel e viver com um pouco mais de conforto. “Fiz a distribuição das casas — da quadra 33 à 39 — de acordo com o estado civil de cada um. Coloquei os casais em casas separadas, e os solteiros, alojados em grupos de três ou quatro.” Para a W3 Sul foram também os estúdios da rádio, que passou a funcionar no galpão — onde ficava o Cine Cultura — até a construção do novo prédio, da atual Radiobrás.

A mudança para Brasília, que antes era quase um tormento, acabou mudando para sempre a vida do pioneiro, que em 1959 já era o mais consagrado radialista da cidade, merecedor do título Radialista do Ano, da *Folha de Minas*, e o Homem do Rádio em Brasília, da revista *Radio-lândia*, pelo seu “belo trabalho como também pelo espírito elevado de coleguismo, amigo sincero das coisas certas e cavalheiro em todas as ocasiões”, como elogiava a imprensa.

O trabalho de Celso era reconhecido até pelo presidente. Uma das viagens que o jornalista fez a São Paulo, onde buscava os comerciais, ficou na memória: Juscelino, que estava no mesmo voo, se aproximou dele e, surpreso, mandou um abraço ao grande amigo, pai do radialis-

“**FIZ A DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS — DA QUADRA 33 À 39 — DE ACORDO COM O ESTADO CIVIL DE CADA UM. COLOQUEI OS CASAIS EM CASAS SEPARADAS, E OS SOLTEIROS, ALOJADOS EM GRUPOS DE TRÊS OU QUATRO**”

ta — Francisco Batista. Mas para JK não bastava entregar o recado. Tinha que anotar tudo. “Mande um abraço para seu pai. Mas deixe eu assinar aí senão ele não vai acreditar que vim com você”, lembra com emoção das palavras do presidente. “Ele era sempre muito alegre e um homem trabalhador.”

Instalada a rádio, outro sonho de Juscelino era abrir uma TV. No dia da inauguração da cidade, a TV Rádio Nacional de Brasília — canal 3 — transmitia para além do cerrado as imagens da solenidade.

Anos depois, a perseguição dos militares calou a voz dos pioneiros da comunicação. Celso se mudou para o Rio. “Foi muito triste. Nossa profissão não era muito simpática aos olhos dos militares”, declara. Ele conta ainda com certa mágoa a mudança do país de um de seus colegas que tinha o mesmo sobrenome de um senador da época que era tido como comunista. Os oficiais o confundiram com o senador.

A volta do pioneiro ao rádio só não aconteceu por causa da morte do amigo e então eleito presidente Tancredo Neves, que o havia convidado a assumir a Rádio Nacional de Brasília.

Os difíceis anos só não foram capazes de diminuir a paixão que o pioneiro cultivou pela cidade por meio da profissão. Dos estúdios, além de divulgar, ele acompanhou o crescimento de Brasília. “Eu praticamente vivi aquele momento tão importante e assisti ao seu crescimento. É uma coisa que a gente não esquece”, afirma com orgulho de ter participado da grande obra.

Próximo de completar 70 anos, Celso, premiado com as medalhas Alvorada e Buriti, se prepara para mais um desafio. Retomar o projeto da eclética *Revista do Lar*, que chegou a circular na década de 60 e que deverá ser lançada no próximo ano, “mas com um novo formato e adaptada para os novos tempos”, avisa o pioneiro.

Raio X

Nome:

Celson Carlos Batista de Oliveira

Idade:

69 anos

Origem:

Juiz de Fora, Minas Gerais

Ano de chegada a Brasília:

1958

Profissão:

Jornalista e radialista

Esposa:

Cecília Roquette B. de Oliveira (2º casamento)

Filhos:

Carlos Eduardo, Sandra e Carla

Netos:

Carolina, Eduarda, Camila, Carlos Eduardo Jr., João Pedro, Daniel e Antônio Carlos Jr.